



MOVIMENTOS SOCIAIS NA ERA DA TECNOLOGIA: NOVAS DINÂMICAS DE MOBILIZAÇÃO E PARTICIPAÇÃO

Paula Ester Sebastiany

Mestranda do Curso de Desenvolvimento e Políticas Públicas da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)
paula.sebastiany@estudante.uffs.edu.br

Edemar Rotta

Professor da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)
erotta@uffs.edu.br

1. Introdução

Nas últimas décadas, os avanços tecnológicos transformaram profundamente as formas de organização e mobilização social. A emergência das redes digitais ampliou o acesso à informação, possibilitou novas formas de articulação política e redesenhou o espaço público. A tecnologia permitiu uma ampliação do acesso à informação e à organização coletiva, entretanto, trouxe consigo alguns contras, como a disseminação de ‘Fake News’ e a superficialidade de algumas mobilizações.

Considerando a consolidação dessas mudanças, a relevância do estudo reside na necessidade de refletir criticamente sobre as novas dinâmicas de participação política, analisando seu potencial de transformação, bem como seus limites no contexto contemporâneo.

Nesse contexto, a pesquisa busca compreender como os movimentos sociais têm se apropriado das tecnologias digitais como instrumentos de mobilização política, sem, contudo, abandonar as formas tradicionais de luta coletiva. Trata-se de uma reflexão crítica sobre os impactos sociais e políticos dessas novas dinâmicas, considerando tanto seu potencial transformador quanto seus limites, com ênfase no papel das comunidades virtuais na ampliação do debate público.

2. Referencial Teórico

As redes digitais se tornaram um meio fundamental para a circulação de ideias e têm influenciado diretamente os rumos do debate público, modificando a forma como opiniões são formadas e compartilhadas na sociedade (Bernardes; Barbosa, 2018). Agora



a sociedade não apenas tem acesso as informações por diferentes fontes, como também as reproduz. As ferramentas digitais surgem como uma novidade capaz de, ao menos, atenuar a hegemonia no controle informacional e oferecer voz a atores historicamente marginalizados (Santos Junior; Albuquerque, 2019).

Os movimentos sociais passaram a utilizar a internet e as redes digitais para propagar e defender suas ideias, bem como gerar ferramentas da mobilização, compreendendo que os espaços virtuais e as redes não são apenas ferramentas técnicas, mas também espaços de disputa de ideias, valores e visões de mundo. Nestes ambientes se refletem visões de mundo, propostas de desenvolvimento e de políticas públicas, posicionamentos políticos, ideológicos e de práticas sociais (Minucelli, 2017).

É possível observar que o cidadão, caso assim deseje, pode empenhar-se na busca por informações sobre os governantes e o cenário político de sua cidade, estado ou país. Essa possibilidade contribui para o fortalecimento da democracia, tornando-a mais participativa e efetivamente vivenciada no cotidiano social (Castro; Cavalcante, 2024).

As redes digitais permitem que a vontade coletiva se manifeste com rapidez e força, conectando as pessoas em ambientes virtuais. Isso fortalece o conhecimento compartilhado e transforma as comunidades online em formas legítimas de atuação e influência política (Minucelli, 2017). Esses movimentos podem surgir localmente, voltados para uma causa específica de uma comunidade ou cidade, se expandindo, conectando-se a lutas globais por direitos coletivos e alcançando repercussão internacional (Queiroz, 2017).

Apesar de os movimentos sociais terem encontrado nas mídias sociais um espaço estratégico para a organização política, as formas tradicionais de mobilização continuam sendo essenciais para a ação coletiva e, de maneira alguma, devem estar subordinadas à tecnologia (Bernardes; Barbosa, 2018). Ou seja, “a difusão das redes sociais alocadas na internet de fato é uma condição necessária para a existência desses novos movimentos sociais de nossa época. Mas não é suficiente” (Castells, 2013, não paginado).

Para Bernardes e Barbosa (2018), as redes são ferramentas informacionais que auxiliam na organização de movimentos sociais pois não apagam as formas tradicionais de se manifestar. Já para Beltrão *et al.* (2020), existe uma preocupação quanto à forma como se proliferam desinformações, uma vez que nem todos os movimentos sociais



podem estar imbuídos da proposta de trazer benefícios à população. Nesse sentido, destaca-se a importância da veiculação de informações corretas e acessíveis, com o propósito de mitigar os efeitos nocivos da disseminação de notícias falsas, tendo por exemplo a disseminação de ‘fake news’ vinculadas ao movimento antivacina.

Mesmo que as organizações midiáticas tradicionais apresentem sinais de perda de credibilidade, as fontes de informação provenientes das mídias sociais são, em geral, percebidas ainda como menos confiáveis, refletindo um cenário de crescente desconfiança no ambiente informacional contemporâneo (Santos Junior; Albuquerque, 2019).

Outra dimensão sujeita a diferentes interpretações é a de que as redes sociais permitam que qualquer pessoa se manifeste sobre temas diversos, algo essencial em uma democracia que valoriza a diversidade de opiniões e o debate. Mas, na prática, muitos usuários acabam interagindo apenas com conteúdos que reforçam suas próprias crenças. Isso cria ambientes fechados, onde há pouco espaço para o confronto de ideias e o crescimento por meio da escuta de diferentes perspectivas (Castro; Cavalcante, 2024).

3. Metodologia

A presente pesquisa possui natureza qualitativa, de caráter descritivo. Adota-se a perspectiva de análise teórica a partir de revisão bibliográfica, com o objetivo de compreender as transformações nas formas de mobilização e participação dos movimentos sociais a partir do uso das tecnologias digitais. Foram consultadas obras e artigos acadêmicos que abordam o tema sob a ótica das ciências sociais, da comunicação e da tecnologia.

4. Resultados e discussão

A internet trouxe o acesso a uma infinidade de informações e viabilizou a aceleração da comunicação e até mesmo a conexão de pessoas advindas de locais distantes. Conforme refere Minucelli (2017, p. 9), a “possibilidade da comunicação autônoma baseada nas redes, configurou uma cultura de autonomia em relação à institucionalidade e às formas tradicionais de se fazer política”, permitindo aos diferentes grupos, movimentos e formações sociais uma maior independência de pensamento e



mobilizações.

Entretanto, o amplo alcance dessa ferramenta também gera controvérsias. Bernardes e Barbosa (2018) trazem para a discussão a importância de utilizar as mídias como uma ferramenta para mobilização, mas também, a importância de não se limitar a elas, considerando que, se os movimentos sociais se restringirem apenas ao ambiente virtual podem ficar mais suscetíveis à manipulação e a desinformação.

Esse argumento dialoga com o que é trazido por Beltrão et al. (2020), que deixam evidente ser necessário que os usuários pesquisem mais sobre o que estão consumindo e se questionem constantemente para que uma ferramenta tão importante quanto a internet não perca seu potencial ao se limitar a uma bolha cibernética. A ampliação dos horizontes de conhecimento e interação está condicionada ao interesse dos usuários.

Fica evidente que as novas tecnologias de comunicação e informação ampliaram consideravelmente as possibilidades de disseminação de informação e divulgação de propostas diferenciadas de vida, mobilização e organização social. Os movimentos sociais podem e devem aproveitar estas novas ferramentas, mas não podem abrir mão de sua marca histórica de organização de base, mobilização concreta a partir de suas lutas locais e articulação orgânica em nível nacional e internacional (Massiah, 2020).

5. Considerações finais

A partir da análise teórica desenvolvida se pode inferir que as tecnologias digitais têm desempenhado papel ambíguo nas novas formas de mobilização social: ao mesmo tempo que ampliam o alcance e a velocidade da organização política, também favorecem a desinformação e o ativismo superficial. A continuidade das formas tradicionais de mobilização demonstra a persistência de estratégias consolidadas de luta coletiva, ainda indispensáveis para a eficácia dos movimentos.

Compreender criticamente o uso das tecnologias digitais pelos movimentos sociais é essencial não apenas para diagnosticar seus limites, mas também para projetar estratégias mais eficazes de mobilização cidadã em democracias digitais. Dessa forma, o estudo reforça a necessidade de um olhar crítico sobre o uso das redes digitais e aponta para a importância de futuras investigações que analisem experiências concretas de ativismo digital no Brasil e no mundo.



Referências

BELTRÃO, Renata Paula Lima; MOUTA, Angélica Nunes; SILVA, Nickolas Souza; OLIVEIRA, Jocerone Emerson Nogueira; BELTRÃO, Ilvanete Tavares; BELTRÃO, Camila Maila Fontinele; FONTONELE, Sâmara Moreira; DA SILVA, Augusto César Beltrão. Perigo do movimento antivacina: análise epidemio-literária do movimento antivacinação no Brasil. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 12, n. 6. 2020.

Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/3088/1894>.

Acesso em 11 jul. 2025.

BERNARDES, Franciani; BARBOSA, Célia. Movimentos sociais na era da Internet: por todas as formas de ativismo. **Mídia e Cotidiano**, v. 12, n. 1, p. 6-23, 2018.

Disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/9859/6989>. Acesso em: 10 jul. 2025.

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança. Movimentos sociais na era da Internet**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CASTRO, G. L. de; CAVALCANTE, C. V. Cultura política e democracia: o net-ativismo nas redes sociais. **OBSERVATÓRIO DE LA ECONOMÍA LATINOAMERICANA**, [S. l.], v. 22, n. 10, p. e6968, 2024. DOI:

10.55905/oelv22n10-014. Disponível em:

<https://ojs.observatoriolatinoamericano.com/ojs/index.php/olel/article/view/6968>.

Acesso em: 11 jul. 2025.

MASSIAH, Gustave. Os movimentos sociais na era digital. **Le Monde Diplomatique Brasil**. São Paulo, Edição 151, 31 de janeiro de 2020. Disponível em:

<https://diplomatique.org.br/os-movimentos-sociais-na-era-digital/>. Acesso em: 13 jul. 2025.

MINUCELLI, Conrado Pereda. O conceito de tecnologia e os movimentos sociais na era da internet. **Revista Alamedas**, [S. l.], v. 5, n. 1, 2017. DOI:

10.48075/ra.v5i1.16961. Disponível em: [https://e-](https://e-revista.unioeste.br/index.php/alamedas/article/view/16961)

[revista.unioeste.br/index.php/alamedas/article/view/16961](https://e-revista.unioeste.br/index.php/alamedas/article/view/16961). Acesso em: 10 jul. 2025.

QUEIROZ, E. de F. C. Ciberativismo: a nova ferramenta dos movimentos sociais.

Revista Panorama, v. 7, n. 1, p. 2–5, 2017. DOI: 10.18224/pan.v7i1.5574. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/panorama/article/view/5574>. Acesso em: 11 jul. 2025.

SANTOS JUNIOR, Marcelo Alves dos; ALBUQUERQUE, Afonso de. Perda da hegemonia da imprensa - a disputa pela visibilidade na eleição de 2018. **Lumina**, [S. l.], v. 13, n. 3, p. 5–28, 2019. Disponível em:

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/28668>. Acesso em: 10 jul. 2025.